

maio 1998
ano 3
edição meses letivos

XI EREA Campinas: construindo a cidadania

Juan Pablo Rosenberg

rosenberg@telnet.com.br

Boletim Óculum é um informativo de assuntos gerais da Revista Óculum e é publicado pelo Centro de Apoio Didático -CAD- da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Opiniões manifestadas em matérias assinadas não são necessariamente corroboradas pela editoria ou pela direção da escola.

Editor responsável
Abílio Guerra

Correspondentes
Affonso Orciuolo Espanha
Cristina Mehrrens EUA
Eduardo Aquino Canadá
Marcos Tognon Itália
M- Pilar P Pineyro Uruguai
Paul Meurs Holanda
Paulo Diziolli França
Pedro Moreira Alemanha
Ramón Gutierrez Argentina
Vitorio Corinaldi Israel

Monitores
André Kaplan
Daniel Carnelessi
Flávio Arancibia Coddou
Flávio Laurini
Priscila Vieira Davini
Tatiana Alarcón

Faupuccamp
Diretor
Wilson Ribeiro dos Santos Jr
Vice-diretor
Irineu Idoeta
Coordenador de curso
Ricardo Marques de Azevedo

Centro de Apoio Didático
Campus I
Rod D. Pedro I - Km 136
13089-500 Campinas SP
Brasil
fone 55-019-754.7156
fax 55-019-255.6376
fau@acad.puccamp.br

Revista Óculum
Alameda Campinas 51
01404-000 São Paulo SP
fone-fax 011 2888950
oculum@uninet.com.br

Página Web na Internet
www.puccamp.br/~fau/

Apoio cultural
Apple do Brasil
Daidigital Kodak



DAIDIGITAL



Menino morador da favela da Vila Brandina participando da oficina de mosaico. Abaixo, alunos de arquitetura de escolas diversas constroem uma praça para as crianças do bairro. Fotos Rafaela Azevedo (IA Unicamp)

Felizes os aprendizes arquitetos-urbanistas que aproveitaram a singular oportunidade de participar do Encontro Regional de Estudantes de Arquitetura do Estado de São Paulo, organizado pelos estudantes da FAU PUC-Campinas com o apoio da direção da escola e da administração da Universidade. O XI EREA ocorreu entre os dias 17 e 21 de abril e congregou mais de dois mil estudantes, inclusive de outros estados das 4 regiões do Brasil (é o maior número da história dos encontros regionais e mesmo nacionais), que ficaram alojados no edifício do Seminário da Faculdade de Engenharia da PUC-Campinas. O tema geral era a *Construção da cidade contemporânea* e para explorá-lo, com o apoio da Prefeitura, de forma inédita, os futuros arquitetos tomaram a própria cidade de Campinas como palco e objeto de intervenção, transformando-a, durante quatro dias, em um grande laboratório habitado. A rodoviária ganhou seu *graffitti*, e para não sentir-se abandonado, o Largo do Rosário pôde presenciar o marcante ato público realizado pelos estudantes como forma de agradecimento à cidade por receber o EREA.

No entanto, ambos invejaram a marginalizada Vila Brandina, que sofreu uma verdadeira revolução visual. Lá, primeiro quatro, depois seis e depois oito ônibus lotados de

estudantes tenazes e curiosos faziam desembarcar formigas operárias que, junto com os moradores da Vila, aprendiam e ensinavam num grande espírito de equipe, não apenas técnicas de revestimento de paredes (mosaico, textura, pintura), paisagismo e construção com materiais alternativos (bambu, taipa-de-pilão, alvenaria armada, solo-cimento, stocker, argamassa armada, entre outros), mas vivências, valores, culturas e, principalmente, solidariedade.

Ao final de três intensos dias de mutirão, os moradores e, mais especificamente as crianças, viram-se presenteados com uma praça, revestimentos nos muros da escola e do centro comunitário e com a descoberta de valores estéticos essenciais, até então ignorados que, com certeza, subsidiarão uma vida mais alegre e próspera para essas pessoas. O que lá se viu foi um grandioso exercício de cidadania e de socialização do conhecimento, em que todos, independentemente de naturezas ou condições sociais, aprenderam a técnica e o valor da generosidade e do esforço coletivo. Para suportar o *fatigante* trabalho manual que se estendia por toda a tarde, os acadêmicos puderam saborear os almoços e jantares providenciados pela comissão organizadora, que eram manjares se comparados aos pratos típicos de encontros de estu-

dantes. E, findo cada dia, partiam os alunos para o cumprimento de sua última missão, seu dever cívico enquanto jovens: confraternizar-se nos tão esperados EREMA e nas agitadas festas que se estendiam até o amanhecer. E, então, coexistiam e mimetizavam-se as remanescentes e fraternais (e acima de tudo resistentes) rodas de violão da noite com os madrugadores grupos de capoeira, relaxamento e tai-chi.

Por fim, o sustento intelectual para toda esta festividade acadêmica – afinal nós fomos lá para beber e para conversar – ficou por conta dos debates com um experiente time de mestres, formado por Ciro Pirondi, Ruy Othake, Regina Meyer, Paulo Mendes da Rocha e Sophia Telles. Realmente, o XI EREA Campinas representou um marco na evolução dos Encontros estudantis de nossa área: por sua dinâmica inovadora, pela excelente organização, que conseguiu confortar simplesmente o dobro do número de estudantes esperados e pelos resultados alcançados. Que fique de exemplo este encontro, pois o EREA marcou Campinas. E Campinas marcou o EREA.

Juan Pablo Rosenberg, 22 anos, é estudante do 4º ano na FAU-Mackenzie



CAD - FAU
PUC-CAMPINAS

IBA Emscherpark: uma exposição invisível

Paul Meurs, Holanda
urbanfab@knoware.nl

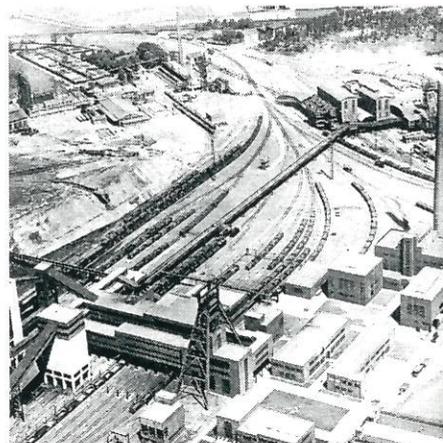


A sigla IBA – Internationale Bauausstellung (Exposição Internacional da Construção) – ainda é associada a Berlim, à mostra que trazia Aldo Rossi, Peter Eisenman e tantos outros e que aconteceu na década de 80. A IBA seguinte começou há dez anos e acontece no vale do rio Emscher, no coração da área industrial do Ruhrgebiet, na Alemanha. O tema é a adaptação da região aos tempos pós industriais. Com mais de 80 projetos tenta-se iniciar uma transformação ecológica, econômica e social da região. Quando comparado com as IBA's anteriores, o que chama a atenção é a escala e a complexidade do projeto. A IBA Emscherpark cobre uma área de 800 km² com cerca de 2,5 milhões de habitantes. Qualquer exposição desaparece nessa escala, mesmo se bilhões de marcos estão sendo investidas nela. Mesmo assim, ou talvez por isso mesmo, as ambições do projeto são enormes. A região é conhecida pelas indústrias ultrapassadas, as minas abandonadas e a paisagem perturbada, poluída e arruinada. Nesse contexto a IBA ganhou um nome provocante: IBA Emscherpark. A mensagem transmitida é clara: o vale do Emscher, hoje um esgoto imenso, vai se transformar em uma paisagem atraente. Dez anos não é o suficiente para reverter a imagem da região entre Duisburg e Dortmund e criar um pólo atrativo de moradia, trabalho e lazer. A IBA funciona mais como laboratório do futuro, mostrando os caminhos em que uma metamorfose integral poderia se enveredar. O projeto começou com um plano regional, que foi elaborado em projetos pilotos, divididos em seis categorias: paisagem, ecologia, trabalhar na natureza, patrimônio histórico-industrial, habitação e renovação social.

Durante a década de 80 o Vale do Emscher sofreu uma crise econômica e social. Um grande número de minas, alto-fornos e fábricas foi desativado. Ninguém mais quis investir nessa paisagem que lembra a lua, apesar dos fatores positivos, como uma boa infra-estrutura, uma força de trabalho bem educado, a presença de um grande mercado de consumidores e uma boa localização na Europa. Um século de extração intensiva resultou numa região quase descartável. Durante esse tempo, o rio Emscher se transformou em um grande esgoto

ao ar livre. O solo foi gravemente poluído. A mineração provocou deslocamentos do solo de dezenas de metros de profundidade. Foi o preço de prosperidade industrial.

Desde o início, a IBA Emscherpark foi considerada uma oportunidade única para reverter o quadro negativo em que a região se encontrava. O projeto foi aprovado em 1988, logo antes do colapso da DDR e a unificação da Alemanha. A partir daquele momento os principais projetos da Alemanha focalizaram o lado oriental, mas as verbas da IBA já tinham sido alocadas, o que permitiu sua sobrevivência. A intenção da IBA é estimular um desenvolvimento econômico nas margens do rio Emscher. Para isso era necessário eliminar os fatores negativos e aproveitar os fatores positivos da região. A iniciativa somente poderia ter sucesso numa escala regional, porque é nessa escala que os fatores negativos se apresentam. Os projetos pilotos tem papel importante. Deviam estimular os seus contornos. Há uma coerência entre eles, que liga a escala regional à escala local. A qualidade arquitetônica, paisagística, ecológica e urbanística é importante. E o lado social dos projetos releva também – seja na participação dos moradores, seja em projetos específicos – o papel das mulheres. Por último, a seleção dos projetos deveria apresentar uma variação de usos. Os investimentos da IBA são grandes. Mesmo assim, a exposição não tem um orçamento para realizar os projetos. Foram feitos convênios com muitos parceiros, para canalizar investimentos para os projetos da IBA. Subsídios da Comunidade Europeia, do Governo Federal da Alemanha e do Estado Nordrhein-Westfalen foram aplicados nos projetos, além de investimentos de municípios, empresas de serviços – companhias de luz, gás, etc – e da iniciativa privada. Depois da apresentação do plano regional, todas as entidades públicas e privadas foram convidadas para apresentar projetos. Centenas de propostas foram recebidas. A escolha dos projetos foi baseada nos critérios anteriormente estabelecidos. Durante dez anos, até 1999, os projetos ganham prioridade das entidades públicas e suporte do escritório da IBA, que coordenou os projetos, a comunicação e as relações públicas, além de organizar os concursos.



Impacto regional dos parques de turismo temático

Laura Machado Mello Bueno e
Maria Helena Ferreira Machado
laurab@kyotec.com.br



Parque temático "Terra Encantada" no Rio de Janeiro

A FAU PUC-Campinas realizou a 16 de Abril o seminário *O impacto Regional da implantação dos parques temáticos*, com representantes das equipes dos estudos ambientais de dois grandes empreendimentos, da Secretaria Estadual de Meio Ambiente, do Ministério Público, dos municípios, de moradores, ambientalistas e especialistas em sociologia, urbanismo, economia, agricultura, recursos hídricos e transportes. Cerca de 150 pessoas participaram do evento. O seminário, organizado por nós, integra uma atividade curricular optativa do Departamento de Planejamento, e conseguiu trazer a realidade para a universidade, catalizando e aprofundando as discussões.

O crescimento da indústria do turismo temático (nove grandes empreendimentos de lazer estão em negociação, licenciamento e implantação afetando direta ou indiretamente Jundiá, Vinhedo, Itupeva, Valinhos, Cabreúva, Indaiatuba e Campinas) coloca questões que exigem reflexão e posicionamento.

O primeiro aspecto é do objeto em si: o que é o turismo temático? É a oferta ao cidadão das vivências de simulação e de prazer controlado, um lugar construído para se sentir estar em outro lugar. O significado social, antropológico e cultural deste produto foi destacado no seminário, questionando-se o desprezo pelas referências culturais brasileiras nos temas dos parques e o desinteresse do setor turístico por outros atrativos regionais: a herança da economia do café, tais como as fazendas, ferrovia, cultura do migrante, a história da República na região de Itu, atributos naturais como a Serra do Japi e o Circuito das Águas.

Aflora assim a questão da relação entre crescimento, desenvolvimento e qualidade de vida e legitimidade da gestão setorial, regional e local. Essa região, conhecida como um oásis de desenvolvimento pela dinâmica de sua produção industrial e agrícola, apresenta grandes vantagens econômicas comparativas para o turismo temático: clima propício, concentração populacional (28 milhões em um raio de 240 km) e alto nível de renda da população, acesso rodoviário de qualidade.

Por outro lado, apresenta vários problemas – inexistência de novos investimentos em infra-estrutura regional, poluição dos rios, escassez de água, quase total inexistência de áreas verdes naturais, processos de conurbação urbana, saturação dos eixos viários, fechamento de indústrias e diminuição das ofertas de emprego, perda de solo agrícola para loteamentos e condomínios. Dentro deste quadro foi discutida a questão do

PUC de São Paulo preserva o Edifício Sapientiae de Rino Levi

Renato Luis Sobral Anelli
reanelli@sc.usp.br

licenciamento dos parques. Pode-se continuar a pensá-los individualmente ou temos um fenômeno de grande escala, cujos impactos sócio-ambientais não são irrelevantes? Numa região com intensa atividade antrópica, pode-se discutir licenciamento ambiental observando-se apenas os aspectos físicos e biológicos locais? Como fica a questão sócio-econômica, de ocupação do território? Não é objeto de interesse público no licenciamento ambiental? Deve então ser tratada por qual instância: o município, os órgãos setoriais?

É conhecido o histórico comprometimento do Estado brasileiro com o capital privado e também as dificuldades de se fazerem cumprir as regulamentações por ele mesmo instituídas. A participação do Ministério Público (algo novo para a maioria da população) no seminário foi muito importante, esclarecendo a questão ética e legal relacionada ao licenciamento dos parques, assim como a de representantes dos municípios e da população dessas áreas, que viram as obras se iniciarem sem a elaboração de EIA/RIMA, o que causou o embargo das obras de dois empreendimentos. Colocou-se a diferença de interesses entre o empreendedor, que procura obter o maior lucro e o interesse público, que deve dar conta de um ambiente equilibrado e de sábia qualidade de vida a todos os que estão e estarão vivendo no local.

Questionou-se a legitimidade da aprovação pela DERSA do acesso ao Shopping Serra Azul na Via Bandeirantes, que seria também o acesso para o Complexo Turístico que, entre outros, contém o Parque Play Center e Wet'n Wild, com fluxo de pico no verão previsto de 60.000 pessoas/dia. O Estado deverá arcar com os custos de construção de novos sistemas de transporte entre São Paulo e Campinas, face à saturação do Sistema Anhangüera-Bandeirantes causada pelos parques? E o DAEE, que autorizou a retirada de água dos rios da região pelos parques sem um estudo das demandas futuras? Os municípios tem condições de atender as demandas ampliadas de segurança, saúde, atendimento a acidentes etc?

Foram apontadas iniciativas criadas a partir do embargo dos parques: municípios procuram implantar um fórum para discussão de desenvolvimento econômico; passam a desenvolver conselhos locais e regionais de turismo com o apoio da EMBRATUR e o EIA/RIMA do Parque Play Center começa a ser elaborado, e com alguma participação. Como conclusão do seminário, apontamos a necessidade de se discutir de forma contínua e coordenada, políticas regionais que incorporem essas recentes mudanças que afetarão o futuro da região de Campinas. Deve-se promover a participação do maior número de agentes sociais envolvidos - incluída aí a Universidade - na defesa do bem comum e da equidade social.

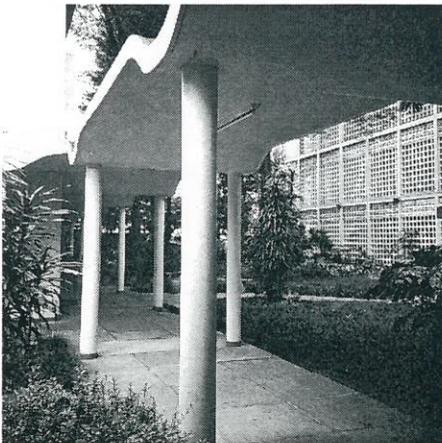
Laura Machado Mello Bueno e Maria Helena Ferreira Machado são professoras do Departamento de Planejamento da FAU PUC-Campinas



Edifício Sapientiae, arq Rino Levi. Acima, foto da época da inauguração. Acervo Digital Rino Levi, FAU PUC-Campinas. Abaixo, situação atual. Fotos Renato Sobral Anelli

Ao folhearmos as publicações sobre a história da arquitetura moderna brasileira, nos deparamos com imagens bem fotografadas de edifícios recém inaugurados. As imagens do conjunto Pedregulhos, de Eduardo Reidy, cenário de algumas cenas do filme *Central do Brasil* revelam uma outra realidade. É gritante o estado de ruína de grande parte das obras da arquitetura moderna brasileira. A deterioração é provocada por motivos diversos, em geral associados à degradação das áreas urbanas na qual está construído (centros e periferias de grandes cidades), onde os novos habitantes não possuem recursos para a necessária manutenção de edifícios que beiram hoje os 50 anos de idade. Considerando que a arquitetura moderna sempre primou pela experimentação de novas tecnologias, cujo desempenho no tempo não era conhecido, a falta de manutenção torna a deterioração inevitável.

A recente visita a algumas obras de Rino Levi em São Paulo revelam certas especificidades frente a este quadro. Na maior parte, a deterioração não ocorre devido a problemas de manutenção, uma vez que diversos detalhes construtivos garantem a sua longevidade, mas sim por intervenção dos seus usuários. A ocupação da área central de São Paulo



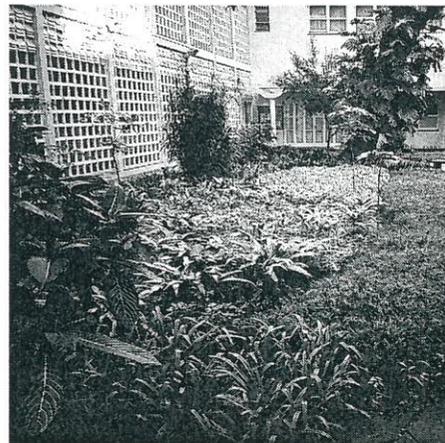
por uma população de baixa renda transforma edifícios da antiga classe média em cortiços, com reflexos inevitáveis para sua arquitetura.

Mas há outro tipo de intervenção, promovida por proprietários abastados e zelosos com o seu patrimônio, que solicitam uma "atualização" da sua arquitetura. Dessa maneira vemos os atuais responsáveis edifício do Banco Itaú da Avenida Paulista acrescentar ciprestes italianos e peitoris pós-modernos ao teto-jardim do volume da agência; ou o Hospital do Câncer alterar totalmente a recepção, substituindo a parede de blocos de vidro e o painel de azulejos por uma decoração anódina tão ao gosto do novo-riquismo contemporâneo. Entre cerca de 30 obras de Rino Levi visitadas, uma das poucas exceções deste quadro desanimador é o antigo "Sedes Sapientiae", da PUC-SP, na rua Marques de Paranaguá. Apesar dos seus 57 anos de idade, seu atual estado de conservação revela o cuidado na preservação do edifício e de seu jardim, mantendo um uso coerente com o original.

Tem sido pouca a discussão sobre preservação de obras da arquitetura moderna brasileira. Um dos motivos talvez esteja no receio de que ao agendar tal tema se reconheça uma condição de coisa passada para essa arquitetura. Mas basta lembrar que o Ministério da Educação foi tombado no momento da sua inauguração, para entendermos que as gerações mais velhas souberam utilizar esta discussão como forma de legitimação de uma arquitetura em implantação. Talvez o debate sobre a conservação e compatibilização de exemplares dessa arquitetura a usos e situações atuais possa se tornar uma forma de reflexão sobre a renovação de suas propostas.

Renato Luis Sobral Anelli é arquiteto, professor da EAU USP São Carlos e membro do Conselho Editorial da *Óculum*.

Nota do editor o leitor assíduo deste boletim está ciente de quanto estamos preocupados com o problema da conservação de nosso patrimônio arquitetônico. Se até há poucos anos o problema da preservação era associado de maneira automática às edificações de séculos passados, estamos nos conscientizando - infelizmente tendo como principal motivador a destruição - de como importantes obras deste século não estão protegidas das tragédias episódicas e da destruição do tempo.



O declínio do império industrial e a fotografia de Maxe Fisher

Eduardo Aquino, Canadá
eaquino@compuserve.com



Abatedouro de Montreal (demolido)

Le Corbusier escreveu em 1923, no seu reconhecido *Vers une architecture*: "Sem a busca de uma idéia arquitetural, mas simplesmente guiados pelos resultados de cálculos (derivados dos princípios que governam o nosso universo) e da concepção de um Organismo Vivo, os engenheiros de hoje fazem uso de elementos primários e, coordenando-os segundo as regras, provocam emoções arquiteturais, transformando o trabalho humano em harmonia com uma ordem universal." Descrevendo os princípios de base que guiam o ideal arquitetônico – segundo ele, a massa, a superfície, e a planta – Corbusier usou imagens dos silos de grão do antigo porto de Montreal para ilustrar esta nova ordem estética; uma estética fundada não numa aparência visual supérflua, mas na tradução do conhecimento científico de uma época. Hoje, os habitantes do antigo porto se movimentam para livrarem-se de tal "horrenda" estrutura, posicionada bem na frente dos seus condomínios, de gosto *nouveau riche*. Graças aos esforços de uns poucos, incluindo Heritage Montreal e a arquiteta Phyllis Lambert, o silo está agora preservado como monumento nacional.

É com surpresa, entretanto, que encontramos inúmeros edifícios industriais na cidade, com um valor arquitetônico significativo, literalmente dissolvendo-se ao léu, vítimas da deterioração econômica dos últimos vinte anos. Pelo contrário do que se pareça, tal abandono recria, em algumas áreas (em especial ao longo do canal Lachine ou nos subúrbios industriais), um espetáculo pós-industrial que poucos tem a oportunidade de vivenciar. Tal caráter fantasioso proporciona uma paisagem muito mais rica do que muitos projetos de revitalização, que tendem a tornar anti-séptica esta mesma paisagem. A fotografia montrealense Maxe Fisher registra com vigor esta condição meio apocalíptica num retrato genuíno da situação urbana e político-esquizofrênica de Montreal. Ela utiliza uma estratégia marginal onde a invasão voluntária e ilegal destes espaços acentua o aspecto enigmático de suas imagens, funcionando como um contraponto crítico à indiferença dos urbanistas e políticos, que tendem a aniquilá-los como possibilidade de reinvenção urbana ou simplesmente como poesia, sugerindo que, às vezes, é melhor deixar tais condições intocáveis do que removê-las da textura e da qualidade histórica do lugar.

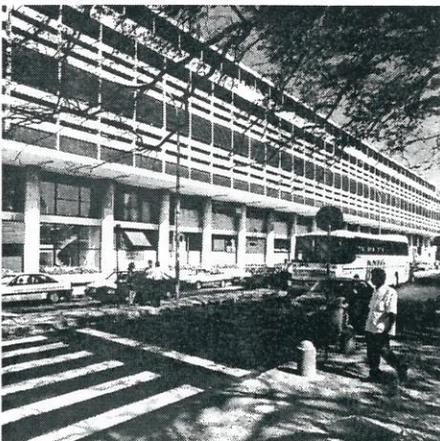
Aeroporto Santos Dumont

Maria Beatriz de Camargo Aranha
Conselho editorial Ócullum

Em 1996, por ocasião dos 60 anos do Aeroporto Santos Dumont, a Editora Empresa das Artes publica importante album comemorativo, revalorizando o projeto arquitetônico do escritório MMM Roberto, vencedor do concurso público de 1936 e responsável por vasta obra arquitetônica, que se destaca na produção moderna brasileira. Ao recuperar a memória do projeto arquitetônico do aeroporto, o livro revela também o engendramento de um dos momentos mais profícuos desta arquitetura.

Para melhor caracterizar a inserção urbana do projeto, são descritos os principais aspectos da evolução urbana do Rio de Janeiro, desde a sua fundação. Todas as propostas de intervenção na cidade comparecem e esse resgate deixa claro como o desmonte do Morro do Castelo possibilitou o aterro da ponta do Calabouço, onde se instala o Aeroporto Santos Dumont. O projeto dos irmãos Roberto é o que mais corretamente tira partido desta localização privilegiada, afirmação que é possibilitada pela comparação com os demais concorrentes do concurso de 1936, também resgatados na publicação. A ata do júri, o processo de construção, as alterações do projeto inicial, as repercussões na crítica especializada, os projetos complementares, tudo está documentado. O desenvolvimento da aviação, a implantação de uma infra-estrutura capaz de garanti-lo, as políticas governamentais para a área também são explicitadas. De fato, uma publicação de peso.

Duas tristes circunstâncias aumentam o valor do livro. A primeira é o trágico incêndio ocorrido em 13 de fevereiro passado (ver Boletim Ócullum 14), e a premente necessidade de restauração do edifício. A segunda, menos episódica, é a incipiente historiografia sobre a arquitetura moderna brasileira. A qualidade e o alcance dessa arquitetura torna mais incompreensível a ausência de sua história. O Aeroporto Santos Dumont é um dos marcos dessa produção, além de um exemplo perfeito de como um projeto de larga escala pode interferir de maneira positiva na malha urbana. Não poderia ser mais oportuna a presente publicação.



Aeroporto Santos Dumont, MMM Roberto, 1936

Maria Beatriz de Camargo Aranha é professora do Departamento de Fundamentos Teóricos da FAU PUC-Campinas

Acontece

Exposição, curso, concurso, encontro e outros eventos culturais



Gustave Caillebotte, On the Pont de l'Europe, 1876-80

Revista de Artes na Internet

O site da Artnet Magazine é uma excelente revista de crítica e divulgação artística. Dentre os artigos, destaque para a crítica de J. Martin Hill sobre a exposição *Manet, Monet & The Railway Station*, atualmente no Musée d'Orsay de Paris, proxima-mente na National Gallery of Art de Washington. <http://www.artnet.com/magazine/> Outros sites interessantes na Internet: *Chicago Architecture Foundation*, <http://www.architecture.org/>; *Revista Architettura*, <http://www.architettura.it/>

Arquitetura do nordeste em destaque

A 4ª Feira e Congresso de Engenharia e Arquitetura do Piauí (IV FECON) e a 2ª Mostra de Arquitetura do Nordeste, organizados pelo IAB-PI, acontece em Teresina de 12 a 15 maio. Info: fon 086 233.1876, fax 086 222.5228

Programa Nova Arquitetura Brasileira

A Direção Nacional do IAB e a revista Projeto Design estarão publicando obras recentes das novas gerações de arquitetos brasileiros. Info: r Gal. Jardim 633, 3º and, 01223-904 São Paulo SP

Renzo Piano ganha o Prêmio Pritzker

O arquiteto italiano, de 60 anos, co-autor junto com Richard Rogers do Centro Georges Pompidou em Paris, receberá o principal prêmio mundial de arquitetura em junho na Casa Branca

Multi-evento de arquitetura em Campinas

Reunindo diversos eventos simultâneos – encontro, feira, salão, palestras, exposições e assembléias das AREAs – a 1ª ArqVision é uma promoção da Associação Regional de Escritórios de Arquitetura. De 25 a 30 ago. Info: fon 019 238.9411

Brasília ganha guia de arquitetura moderna

A Fundação Athos Bulcão acaba de lançar o excelente "Guia de urbanismo, arquitetura e arte de Brasília", de Andrea da Costa Braga e Fernando Ribeiro Falcão. Info: fon/fax 061 322.7801

Inscrições para Seminário são um sucesso

Com o recorde de mais de 400 trabalhos inscritos, o V Seminário de história da cidade e do urbanismo que acontecerá em Campinas em outubro abrirá em breve inscrições para ouvintes.